



José Gabriel Ávila\*

# Carta a um luso-americano

*“Ouvi o lamento e nada acrescentei, compreendendo a simplicidade de argumentos de quem trocou a América pelo árduo trabalho de mourejar de sol-a-sol e não tinha outra alternativa, que não fosse seguir à procura de vida melhor.”*

Caro Joe Patrício:

Desde que nos despedimos, há um mês, nunca mais soube de ti. Regressámos a nossas casas - eu a São Miguel e tu à Califórnia -, pensando em voltar ao Pico, até que as forças o permitam.

Nas agradáveis conversas mantidas nas calmas águas do Poceirão da Manhêna, as eleições americanas foram um tema recorrente. Mais sobre a personalidade dos candidatos que sobre as suas propostas divergentes.

Confessaste-me que, apesar de seres também cidadão americano, não irias votar, embora as tuas simpatias fossem para Kamala. Já a tua filha, nada e criada nos “states” tinha preferência por Trump. Segundo me confessaste em surdina, “ela até chorou quando ele foi atingido por uma bala na orelha...” E acrescentaste: “É assim. Esta gente nova pensa de forma diferente e talvez até tenha razão, mas eu já não entendo muitas coisas, por isso fico calado...”

Ouvi o lamento e nada acrescentei, compreendendo a simplicidade de argumentos de quem trocou a América pelo árduo trabalho de mourejar de sol-a-sol e não tinha outra alternativa, que não fosse seguir à procura de vida melhor.

Tu como eu e outros cumprimos o serviço militar obrigatório em Angola. Só depois se emigrava legalmente. Muitos reformados regressam para gozar a última etapa da vida, aproveitando as águas tépidas do mar em dias de sol abrasador.

Joe: temos mais ou menos a mesma idade, mais ano menos ano. Ambos sabemos o que é viver fora de casa, da família, do ambiente pacato de terras pequenas, onde a vida decorre sem novidade.

Foi talvez por isso que minha mãe, que tu bem conheceste, custou a adaptar-se ao regressar ao Pico, por doença do pai, em 1932. Tinha 18 anos.

O “High School” em Dartmouth, cujo diploma ainda permanece numa das paredes da sala da nossa casa, deu-lhe uma grande formação cultural, instrumental e desportiva. Só cinquenta anos depois ela visitou o edifício, transformado em Biblioteca Municipal. Ciente das suas competências partilhou-as a vida inteira ensinando a língua inglesa a centenas de alunos sem acesso ao ensino liceal ou lendo e escrevendo cartas.

Não calculas como ficava radiante quando alguém falava com ela em inglês. Toda a sua biblioteca e leituras eram nessa língua que fazia parte da sua identidade.

Recordo-me de, muito pequeno ainda, ela se colocar em sentido e com a mão no peito, ao cantar com grande vigor e sentido patriótico o Hino Americano.

**Dwight D. Eisenhower** era o seu Presidente (1953-1961). Ele simbolizava a América do progresso no pós-guerra.

O General eleito dois mandatos seguidos pelo partido republicano, por larga maioria, recebeu apoio sobretudo pela luta contra o comunismo que ameaçava expandir-se. Daí a guerra na Coreia e mais tarde no Vietnam.

Tive, caro amigo Joe, um tio-avô que perdeu um olho, ao participar nesse conflito. Usava um olho de vidro, mas ninguém dizia que tinha essa deficiência física.

Regressado ao Pico, com uma pensão de invalidez de antigo combatente, foi um cidadão prestante, comprometido com o progresso da sua terra em vários domínios de actividade.

Falei do Presidente Eisenhower e ainda recordo fotos dele em revistas americanas que minha mãe recebia com frequência dos antigos colegas do “High School”.

Para além de minha mãe, sobre a actividade política do então Presidente conversavam aos serões de inverno, o Pe Xavier Madruga e meu pai.

Esses Foram anos muito difíceis e temia-se que as potências estrangeiras pudessem voltar a digladiar-se, como o haviam feito anos antes, recorrendo às armas mais mortíferas e ao extermínio de milhões de seres humanos.

**A eleição de John F. Kennedy**, regressando aos Presidentes norte-americanos, foi uma alegria para minha mãe, por se tratar de uma família irlandesa, católica e residente também na Nova Inglaterra.

Sobretudo por ter sido ele, enquanto senador, que levou o Senado a aprovar a autorização para a entrada de 2.500 famílias sinistradas do Vulcão dos Capelinhos. Foi um gesto nunca esquecido pela comunidade açoriana de lá e de cá.

Desde então, o voto luso-americano foi maioritariamente para o partido democrático.

Tu próprio me confessaste, caro Joe, que na época, essa era a orientação política dos portugueses naturalizados.

As condições económicas, entretanto, alteraram-se e as opções políticas também.

Espero que a América, a nação que deu bem-estar e felicidade a tantos açorianos, continue sendo uma terra de paz e de prosperidade.

Para ti, amigo Joe Patrício, votos sinceros de muita saúde e que nos voltemos a encontrar com saúde no próximo verão.

Forte abraço à moda do Pico.

